



201312/07

## Relações e desafios de Defesa entre continentes

Pedro Santos Jorge<sup>1</sup>

Com o aproximar de mais uma Cimeira da NATO, desta vez a realizar no Reino Unido, vão-se conjecturando quais serão os principais temas a debater, sendo que a conjuntura internacional e o seu impacto na organização serão seguramente dois dos assuntos implícitos a que não se poderá ou deverá escapar. Neste âmbito podem à partida identificar-se as futuras relações com a Aliança por parte dos países da América do Norte e dos países europeus, face ao reposicionamento estratégico para o Pacífico dos EUA, as consequentes reorientações orçamentais americanas face à NATO e as resultantes e cada vez maiores questões da partilha de encargos (*Burden Sharing*).



### América do Norte e NATO

O compromisso político dos EUA com a Aliança Atlântica mantém-se, sendo esta organização uma parte importante da estratégia de segurança global dos EUA. No entanto, tem-se verificado, cada vez mais, a tendência para os comentadores políticos norte-americanos e igualmente a sua opinião pública considerarem a NATO como "um lugar para ir a reuniões e não para grandes ideias", sustentando noções de egocentrismo e até de sobrançeria, na medida em que consideram que sendo o seu país quase completamente autónomo, não necessitam de se empenhar de sobremaneira na Defesa da Europa.

A postura do público dos EUA não é anti-NATO por natureza. No entanto, existe uma falta de interesse geral e compreensão pela NATO e nomeadamente pela Europa, pelo que na próxima cimeira seria importante abordar a necessidade de demonstração do valor acrescentado da NATO para o público americano, manifestando o real empenho norte-americano. Situação semelhante se passa no Canadá, verificando-se que a opinião pública não se sente ameaçada, não existindo por conseguinte muita discussão e interesse sobre a Europa e consequentemente sobre a importância da NATO.

### Europa e NATO

Dada a mudança estratégica dos EUA e a sua viragem para o Pacífico começaram a surgir alguns receios de "abandono" entre os europeus. Desta forma, seria igualmente muito importante que os EUA tranquilizassem os europeus do seu compromisso. Para tal, os europeus necessitam igualmente de dar provas de empenhamento militar na sua própria casa, tranquilizando os analistas militares norte-americanos, e de politicamente definir a sua própria visão estratégica para o futuro.

Do ponto de vista da análise político-económica europeia, o reequilíbrio de poderes na Ásia e no Pacífico não significará aparentemente uma retirada em massa dos EUA da Europa, e isso poderá ser visto pelos europeus como uma oportunidade, já

---

<sup>1</sup> Oficial da Armada

que já, tanto do ponto de vista geográfico como por meio de parcerias existentes, importantes interesses na Ásia e no Pacífico, podendo ser exploradas novas possibilidades.

No que diz respeito à opinião pública europeia, é também atualmente muito difícil passar a ideia da importância da NATO e da Defesa. Verificam-se três razões principais para estas dificuldades: os europeus estão "cansados" após as campanhas do Iraque e Afeganistão, a maioria não perspetiva nem entende os riscos sempre existentes de uma ameaça militar direta, e muito principalmente, a atual crise económica global veio ofuscar a importância de todos estes motivos.

O Conselho da UE de dezembro de 2013 em matéria de segurança e defesa oferece grandes oportunidades de comunicação e manifestação de propósitos. Isto inclui: o reconhecimento dos problemas de Defesa dos países europeus também membros da NATO, os benefícios mútuos que uma Defesa europeia mais robusta poderia representar para ambas as organizações e, principalmente, poderá ser a oportunidade perfeita para a manifestação política dos objetivos de Defesa europeus, ou seja, o que os europeus irão fazer neste âmbito, não só para assegurar melhor os seus interesses, mas também os da NATO. Será uma oportunidade para se mostrar os aspetos positivos da convergência entre a UE e NATO, nomeadamente através de exemplos práticos, tais como a cooperação UE-NATO em operações militares, o reforço de uma abordagem sincronizada nas questões da Defesa e da cooperação multinacional, valorizando as iniciativas "Smart Defence" e "Polling and Sharing".

### Desafios

Na sequência do exposto, e se a convergência de interesses não for politicamente reforçada, identificam-se dois importantes e talvez perigosos desafios para a Defesa do espaço atlântico. Existe o risco dos países se virarem para dentro, privilegiando os seus próprios interesses e justificando essa decisão política e consequente atitude através da grave conjuntura económica global. Isto poderá resultar em uma perceção mundial da existência de uma desconexão estratégica entre os aliados, tendo esta conclusão fundamentos reais ou não.

Ainda poderá concluir-se que existe igualmente o risco de culpabilização mútua entre os aliados, resultando no desfalecimento das iniciativas multinacionais de cooperação, originando ainda mais o desinvestimento nas capacidades da Aliança.

### Conclusões

Na cimeira da NATO de 2014, os líderes dos Estados aliados terão a oportunidade de manifestar ao mundo a sua vontade política e o seu empenho em manter a Aliança Atlântica como a mais importante organização de Defesa atualmente existente no mundo. Os temas que necessariamente serão abordados, como por exemplo o Afeganistão, deverão ser politizados para que a mensagem a transmitir às opiniões públicas seja clara e com alcance global. Deverão ser enfatizados os sucessos da NATO e da missão reiterando e expondo os esforços realizados na prossecução da Segurança global e regional daquela parte do globo.

Deverão igualmente ser abordados temas de futuro, enfatizando a constante "atenção" da NATO relativamente aos problemas de Segurança, mantendo-se como o maior provedor de Segurança em todo o mundo, e reiterando sempre a questão:

O que aconteceria se a NATO não existisse?

Deverão ser encontradas formas de responder e de convencer as diversas opiniões públicas na importância de se investir em Defesa e Segurança, mesmo quando aparentemente não existem ameaças militares diretas. É importante comunicar de

forma mais clara a relevância da Europa para os EUA, mostrando que os europeus são os melhores aliados dos EUA, e que mais nenhum país ou organização no mundo contribui tanto para a Defesa e para a Segurança globais do que os países europeus e norte-americanos.